

A Verdadeira História da Batalha de S. Mamede



7

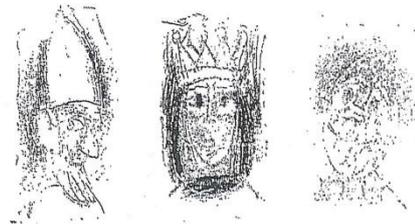


8



O cenário poderá ser formado por dois castelos de serapilheira e papelão. Um deles será o de Dona Teresa, o outro de Dona Urraca. Os castelos têm ameias e estão separados um do outro. Ao abrir do pano ouve-se um rufo de tambores. O Pregoeiro vem até à boca de cena e à medida que ele fala as personagens entram, andam em fila e fazem vénias. Depois irão para os bastidores esperando o momento de entrar, ou tomam os seus lugares, no caso da Dona Teresa, Egas Moniz, Afonsinho e primos da Maia. As personagens deverão vir vestidas de modo a serem facilmente identificáveis.

9



Pregoeiro – Quem quer ouvir a verdadeira história da batalha de S. Mamede?
(com um rolo de papel na mão) Quem quer ouvir?

A inconsolável Dona Teresa
e o prodigioso Afonsinho,
o Egas Pedagogo
e o Bobo Curvoraminho,
o Bispo D. Hugo
e o mais se verá.

(aparte para um espectador)

Quer uma cassete pirata?
Aqui está. Cinquenta escudos.
Não tem nada dentro? Pois não.
É pirata!



(aparte para outro espectador)

Atenção ao folheto! Cada folheto custa cinco tostões!
Não tem metade da letra?
Pois não, os tipógrafos estavam em greve!
Mas também, por cinco tostões queria a história toda, não?
E a inflação, Senhor? E o preço do papel?
Não queria mais nada!

Atenção, muita atenção!
Esta é a verdadeira, a autêntica, a provada e mais que provada história
da batalha de S. Mamede!
Abram bem os olhos,
apurem os ouvidos.



10



(aparte para um espectador)

Um bocadinho de papel para tirar a cera?
Meus Senhores, Minhas Senhoras,
a história vai começar.

Nesta altura a Dona Teresa está sentada junto de um dos castelos. À beira tem uma mesa. Perto dela estão Egas Moniz, dois criados e o Bobo.

11

Pregoeiro – Estava a Dona Teresa no seu palácio de Guimarães, tricotando camisolas e fazendo festas aos cães, naquele Inverno tão frio que até causava arrepio, lá nas terras do Condado que ainda não estava empenhado, (aparte) isso foi depois, quando de dentro da torre de menagem gritou para a criadagem:

Dona Teresa – Tragam a sopa!
E chamem o menino!

Os dois criados saem e entram depois, com grande aparato, trazendo uma terrina com uma enorme colher que põem sobre a mesa.

Pregoeiro – O menino, está visto, era o Afonsinho, o terrível, o incrível, o irascível Afonsinho!

Bobo Curvoraminho – Irral Com tanto "ível" até parecia uma cobra "cascável".

Pregoeiro – Cala-te, ó Bobol
Mas o Afonsinho não se encontrava no salão, estava a curtir uma de pião, mais os seus primos da Maia. E assim começou a raia. Foi lá o Egas Moniz, que tinha um grande nariz e disse-lhe:



12



Dona Teresa bichana ao ouvido de Egas Moniz que vai depois ter com o Afonsinho e os primos.

13

Egas Moniz – Afonsinho, Sua Alteza, sua mãe chamou prà mesa.

Pregoeiro – Respondeu o D. Afonso:

Afonsinho (cruza os braços em atitude de birra) – Eu já lhe dou o respondo!
Não vou!

Egas Moniz – Mas porquê, Real Senhor?!

Afonsinho – Porque estou de mau humor, primeiro, e porque acordei para o lado do travesseiro, segundo.

Bobo Curvoraminho (aparte) – Deve ser realmente um mau lado!

Afonsinho (para Egas Moniz) – Cala-te, ó Bobol! E terceiro, porque estou a curtir uma de pião! Você nunca ouviu dizer prioridade ao pião? Prioridade ao pião, Senhor, prioridade ao pião! (vai afastando os outros)

Pregoeiro – Respondeu o Egas Moniz:

Egas Moniz – Mas, então a educação? Então as boas maneiras?

14



15

Afonsinho – Egas, não digas asneiras,
tira pra lá o nariz,
que não é aqui chamado!
E além disso, assoa-te!

O Egas Moniz puxa de um lenço e assoa-se com grande ruído.

Bobo Curvoraminho – A rainha não vai gostar,
(esfregando as mãos uma na outra) mas uma guerra vinha a calhar!

Egas Moniz – Mas então, meu Senhor,
em que ficamos?
Que digo a Dona Teresa?

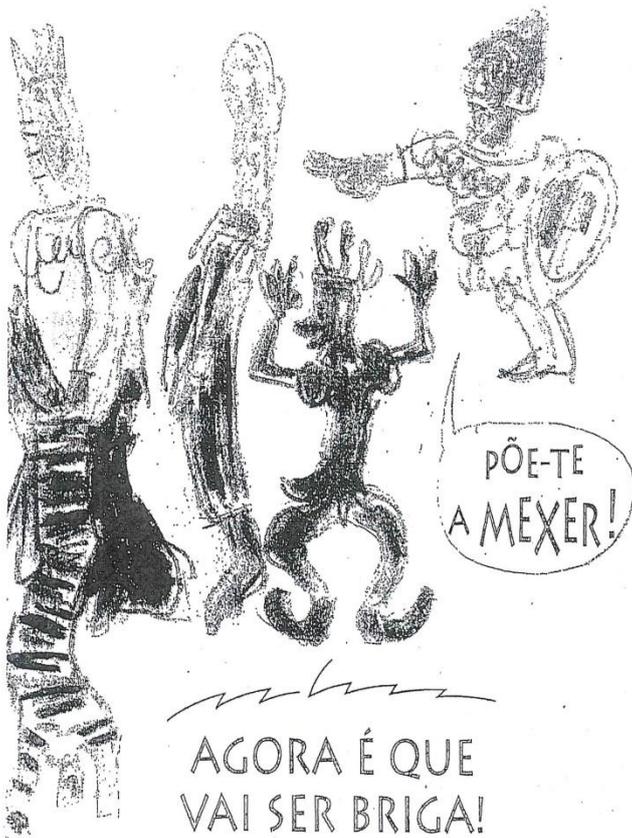
Afonsinho – Que a sopa que a coma ela,
e que ficamos aqui que estamos bem!

Primos da Maia – É de homem! É de homem! É de homem!

Afonsinho – E ainda hoje não fiz a barba!
(passa a mão na cara) Adiante!
Mas quanto à sopa, diz-lhe que já comi bastante.
Acabou-se a opressão!

Bobo Curvoraminho – Agora é que vai ser a briga,
(canta) nova versão pra cantiga:
"Eu falei
pra dizer,
que não como a sopa."

16



17

Egas Moniz – Cala-te, ó Bobo!
Pronto! Transmitirei a Dona Teresa.

Bobo Curvoraminho – Mas que bela sobremesa
(a rir-se) que vamos ter...

Afonsinho – Põe-te a mexer!
(para o Bobo)

O Egas Moniz e o Bobo voltam para junto da Dona Teresa.

Pregoeiro – Voltou o Egas Moniz, mais o seu grande nariz, pra junto da Dona Teresa
e disse-lhe:

Egas Moniz – Saiba Vossa Alteza, que o Afonsinho não quer comer a sopa!

Dona Teresa – Que ideia louca!

Bobo Curvoraminho – Se calhar é por não estar bem passada...
(aparte encolhendo os ombros)

Dona Teresa – Cala-te, ó Bobo!
Que atitude malcriada, que impertinência!
Não posso tolerar tal desobediência!
(para Egas Moniz) Chama! o Bispo!

Egas Moniz sai para chamar o Bispo.

Bobo Curvoraminho – Pode ser, quem sabe, pode ser,
(aparte) que deitando água benta na sopa,
ela fique mais grossa!

18



Pregoeiro – E veio o Bispo D. Hugo,
pra resolver o esturro...

Entra o Egas Moniz e o Bispo de mitra e báculo.

Bispo D. Hugo – Senhora, mandaste-me chamar?!
(inclina a cabeça numa vénia)
Se calhar foi para almoçar!

D. Teresa – Não! É grave a hora.
Imaginaí que o Afonsinho me quer desobedecer.

Bispo D. Hugo – Ousou tal?!
Corrupção!
Chamai-o e dai-lhe uma lição.

Bobo Curvoraminho – Simples... mas demasiado...
(aparte)
Estou em crer que não dá resultado.
O clero é sempre confiado...

Dona Teresa – Chamai o menino!

19

Sai o Egas Moniz e volta com o Afonsinho e os primos da Maia.

Pregoeiro – Chamaram o Afonsinho
mas em nada adiantou,
e a teima continuou.

Dona Teresa – Não comeis a sopa?

Afonsinho – Não!
(voltando as costas a Dona Teresa)

Bobo Curvoraminho – A esta hora já deve estar fria!
(aparte)

Dona Teresa – Por que não?

Afonsinho – A sopa é uma instituição
paternalista!
Obscurantista!
Repressista!
Impertunista!

Bispo D. Hugo – Ai, que heresias!
(levando as mãos à cabeça)
Isso são as más leituras,
e mais as más companhias!

Egas Moniz – Ousais dizer que ele anda mal acompanhado?
(indignado para o Bispo)

20

Bispo D. Hugo – Mais calma com o arreganho!
Que menino!
Ainda ontem de fralda
e hoje já de Mafalda!
Isto é a má leitura.
(para Dona Teresa)
Senhora,
votai já uma moção de censura!

Dona Teresa – Demora muito tempo,
(com um gesto vago)
e não resolve nada.

Bobo Curvoraminho – Como é que ela sabe?
(aparte)

Egas Moniz – Senhora, moderação!

Dona Teresa – Não posso aceitar esta situação,
(para Afonsinho)
não posso tolerar a desobediência!
Comei a sopa!

Afonsinho – Se me obrigais, proclamo a independência!

Dona Teresa – Sendo assim, vamos prà peleja!

Afonsinho – Sejal!

Saem todos. Dona Teresa, o Bispo e o Bobo por um lado, e Afonsinho, Egas Moniz e os primos da Maia por outro. O Afonsinho e os primos podem fazer caretas, e o Bispo deitar as mãos à cabeça. Dona Teresa vai-se empoleirar nas ameias do seu castelo e no outro surge a Dona Urraca. De cada vez que uma delas fale, um cavalo-vassoura irá de um castelo a outro.

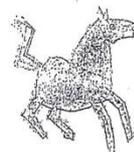
21



Pregoeiro – E a Dona Tareja indignada,
telefonou para a irmã Dona Urraca.
Naquele tempo o telefone não era por fios
mas por cavalos, o que dava grande estafa
porque a Dona Teresa de cá dizia:



Dona Teresa – O Afonsinho está armado em Mafalda!
(com as mãos na boca, como se falasse à distância)
Revoltou-se!
Corre depressa a ajudar-me!



Pregoeiro – E cavalo ia,
e a Dona Urraca respondia:

Dona Urraca – Já era tempo de aprenderes a educar os filhos,
(da mesma forma que Dona Teresa)
ó Tareja!



Pregoeiro – E cavalo vinha...

Dona Teresa – Mas não me deixes ficar nestes sarilhos,
e pede ao Afonso teu marido.



Pregoeiro – E cavalo ia...
e a Dona Urraca respondia:

Dona Urraca – Não sei... ando amuada com ele
porque não me pagou o último vestido,
mas vamos ver o que se pode fazer.

22



Pregoeiro – E cavalo vinha...

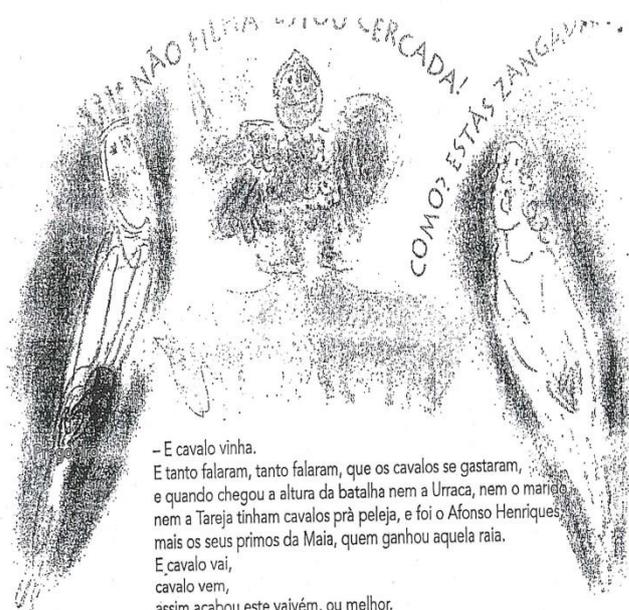
Dona Teresa – Deixa lá, que eu dou-te um, mas agora acode-me aqui a este trinta e um...

Pregoeiro – E cavalo ia... e neste falar e falar, era um gastar e gastar de cavalos que nem períodos.
 (aparte) Mesmo assim ainda safa mais barato e eu não sei. O problema era quando não se entendiam bem e havia interferências. Lá falava a Dona Urraca:

Dona Urraca – Como? Estás zangada?
 (falando de modo arrastado)

Pregoeiro – E cavalo ia...

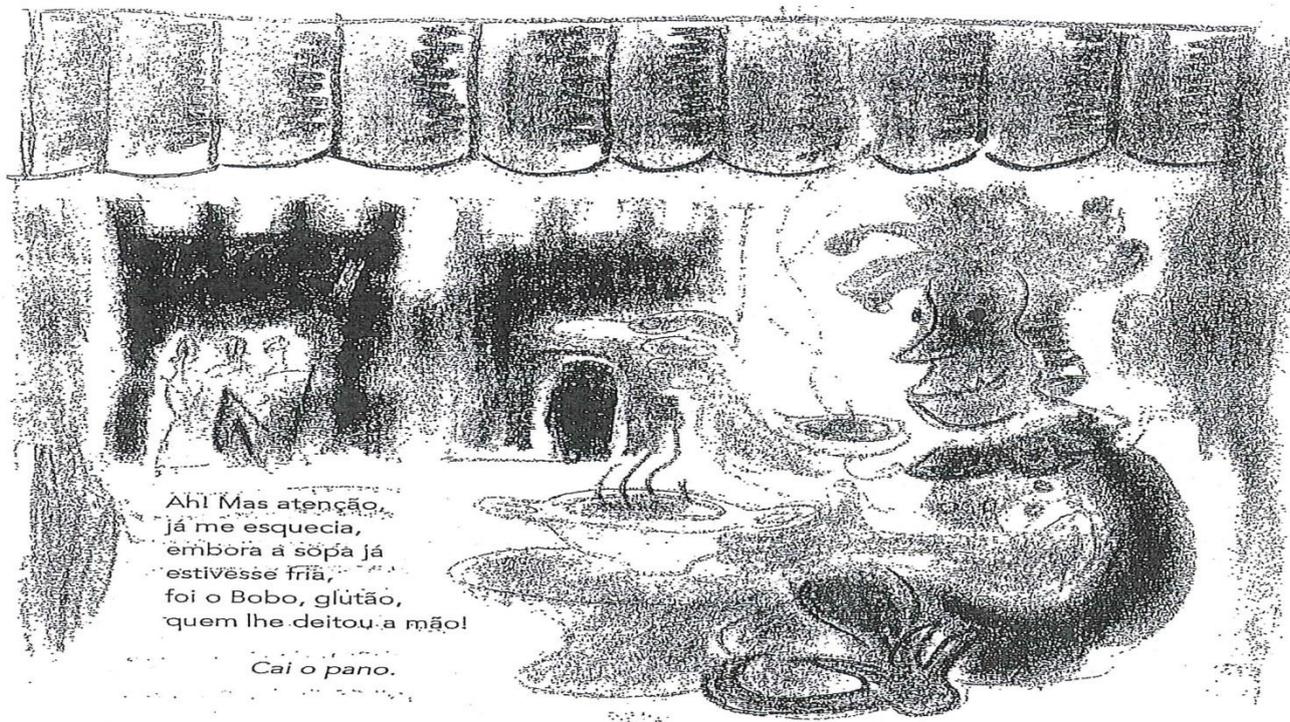
Dona Teresa – Não, filha! Estou cercada!
 (do mesmo modo arrastado)



– E cavalo vinha.
 E tanto falaram, tanto falaram, que os cavalos se gastaram, e quando chegou a altura da batalha nem a Urraca, nem o marido nem a Tareja tinham cavalos prà peleja, e foi o Afonso Henriques, mais os seus primos da Maia, quem ganhou aquela raia.
 E cavalo vai, cavalo vem, assim acabou este vaivém, ou melhor, este tropel, com o Pregoeiro a ler o seu papel. Claro! Queriam de cor, não?! ao preço a que está a fosfoglutina?!
 A verdadeira, a única, a autêntica, a comprovada, a vivida e representada batalha de S. Mamede!

(regateando)

Sorrateiramente, olhando para um e outro lado, entra o Bobo que se vai sentar a comer a sopa.



Ah! Mas atenção, já me esquecia, embora a sopa já estivesse fria, foi o Bobo, glútão, quem lhe deitou a mão!

Cai o pano.